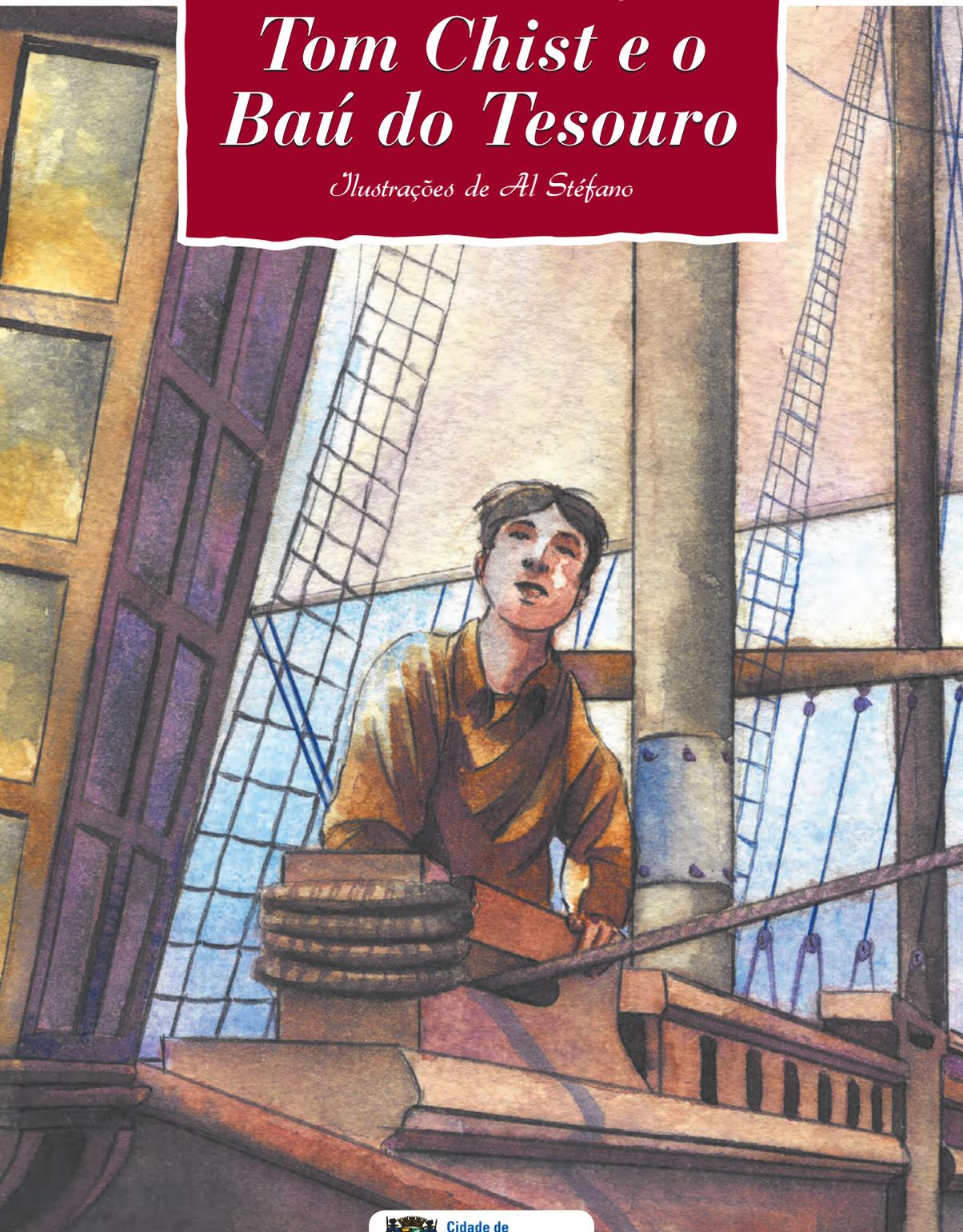


Conto de Howard Pyle

# Tom Chist e o Baú do Tesouro

Ilustrações de Al Stéfano



Cidade de  
São José dos Campos  
Prefeitura Municipal



*Conto de Howard Pyle*

# ***Tom Chist e o Baú do Tesouro***

*Ilustrações de Al Stéfano*



**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal

Cantagalo, na entrada da Baía dos Ventos, era uma pequena comunidade formada por ingleses e alguns holandeses e suecos, um ponto minúsculo perdido na imensidão do litoral americano. Suas terras eram habitadas por animais selvagens e por tribos indígenas nômades, as quais todo outono vinham passar o inverno naquela região.

Em 1686, uma grande tempestade varreu de ponta a ponta a costa atlântica das colônias inglesas que se tinham estabelecido no litoral da América do Norte, atingindo também a área de Cantagalo. Durante a pior parte da tormenta, um navio naufragou nos bancos de areia.

Muitos objetos que as ondas trouxeram à praia de Cantagalo eram como um milagre para os colonos pobres e necessitados daquelas terras longínquas, aonde poucas coisas boas chegavam. A embarcação partira-se em pedaços durante a noite e na manhã seguinte a praia estava cheia de caixas e barris, baús e paus, madeiras e pranchas — colheita generosa e abundante para ser escolhida à vontade, com ninguém para proibir ou impedir os colonos.

O nome do navio, gravado em alguns dos barris de água, era , e ele vinha, sem dúvida, da Inglaterra. E só uma alma escapou com vida do naufrágio — um menino de poucos meses de vida.

Foi um dos colonos, um pescador chamado Matias Campbel, com sua filha Mônica, que encontrou o menino. Ele estava entre os destroços, num grande baú de madeira que tinha sido amarrado firmemente com uma corda e preso entre dois paus, para maior proteção contra as ondas. Quando viu aquele baú, Matias Campbel achou que tinha encontrado algo muito valioso; mas, ao cortar as cordas e abri-lo, ficou muito mais surpreso do que se tivesse visto um fantasma: ali estava um bebê de nove ou dez meses, envolto nas mantas que acolchoavam o fundo do baú.

A filha de Matias, Mônica, tinha perdido um bebê fazia um mês.



Assim que ela viu o pequeno náufrago deitado no fundo do baú, pensou que Deus lhe tinha mandado outra criança, para substituir seu filho.

Ainda chovia forte e ventava. Mônica despiu o casaco que estava usando, protegeu com ele o bebê e levou-o correndo para casa, sem se importar com o resto dos destroços espalhados na areia.

Foi o pastor João, o pregador daquela comunidade, quem escolheu o nome de adoção de Tom. Assim que soube do ocorrido, foi até a cabana do pescador para ver a criança. Notou que suas roupas eram de um linho finíssimo e tinham belos bordados, e imaginou que seus pais deveriam pertencer à nobreza. Numa das extremidades da manta que envolvia seu corpinho estavam bordadas as iniciais T.C.

— Como vamos chamá-lo, Mônica? — perguntou o pastor, enquanto, de pé, esquentava as mãos diante do fogo. No bolso do grande casaco que vestia havia uma garrafa de bebida que ele próprio tinha pegado dentre os destroços do navio.

— Vou chamá-lo de Tom, em memória do meu filho que morreu.

— O que coincide com a inicial do lenço! — disse o pastor. — Mas que sobrenome você dará a ele? Deve ser um que comece com C.

— Não sei — disse Mônica.

— Por que não chamá-lo de Chist<sup>1</sup>, já que foi num baú que ele foi encontrado? Tom Chist! O nome cai bem!

Mônica concordou, e de Tom Chist o menino foi chamado e como Tom Chist foi batizado.

\* \* \*

A história de outro baú, o baú do tesouro do capitão Kidd, só começa treze anos depois, em 1699. Foi naquele ano que esse famoso

---

<sup>1</sup> *Chist*, em inglês, significa “baú”. Pronuncia-se “tchist”.

pirata, vindo das Índias Orientais, levou sua embarcação para a Baía dos Ventos, onde ancorou por mais de um mês, esperando por notícias de seus amigos de Nova Iorque.

Kidd tinha mandado uma mensagem àquela cidade perguntando se a costa estava livre. Queria retornar para casa em segurança, com o valioso saque que tinha feito nos mares da Índia e na costa da África. Enquanto esperava a resposta, ficou ancorado na Baía dos Ventos.

Nesta época, Tom já era um garoto forte e bem encorpado, de catorze anos de idade. Mas levava uma vida de cão com Matias Campbel. O velho ficava mais da metade do tempo embriagado, e era raro passar um dia que ele não xingasse ou desse um tapa ou mesmo uma surra em Tom. Pode-se pensar que tal tratamento tivesse enfraquecido o ânimo do menino, mas a verdade é que tinha tido efeito exatamente oposto, pois Tom era do tipo determinado, forte e durão, que cresce mais duro e forte quanto mais é maltratado. Já fazia muito tempo que ele não chorava ou reclamava quando apanhava do velho pescador. Nestas horas, cerrava os dentes e suportava o que viesse, e não era raro que, aguentando tudo em silêncio, deixasse o velho quase enlouquecido. Nessas vezes, Matias interrompia a surra e gritava: “Você não vai dizer nada? Não vai dizer nada? Bem, eu vou fazê-lo falar.” Quando as coisas chegavam a este ponto, Mônica geralmente interferia para proteger seu filho adotivo, e ela e Tom se atracavam com o velho até conseguir arrancar a vara ou a cinta da sua mão — e saíam de casa. Matias os perseguia por um trecho, até se acalmar; e então, por algum tempo, as coisas sossegavam.

Além da sua mãe adotiva, Tom Chist tinha um bom amigo no pastor João, que vinha de vez em quando à cabana de Matias na esperança de obter meia dúzia de peixes para o desjejum. O pastor sempre dirigia

uma ou duas palavras amigáveis a Tom, que durante as noites de inverno costumava ir à sua casa para ler, escrever e fazer contas — aliás, Tom já era capaz de ler palavras da Bíblia e do almanaque, e sabia o suficiente para trocar dinheiro.

Era este tipo de rapaz que Tom Chist era, e essa era a vida que ele levava.

Pois bem. No final da primavera ou no início do verão de 1699, como vimos, o navio do capitão Kidd ancorou na entrada da Baía dos Ventos. E isso mudou totalmente o destino de Tom.

\* \* \*

Matias guardava o pequeno barco de pesca a alguma distância da praia, perto do velho navio que tinha afundado nos bancos de areia. Aquele era o lugar em que os colonos normalmente pescavam, e por isso o barco de Matias geralmente ficava ali.

Naquela tarde, havia caído uma forte tempestade, e Tom foi até a praia para tirar a água do barco e aprontá-lo para a pesca da manhã seguinte.

Quando voltava, já tinha escurecido. A lua estava cheia e o céu estava carregado de nuvens, e de quando em quando surgia um relâmpago e um trovão se fazia ouvir, prometendo uma nova tempestade.

Durante todo aquele dia a embarcação do pirata tinha estado ancorada logo atrás dos Cabos, e de certo ponto do caminho Tom pôde ver, iluminadas pela luz da Lua, as velas abertas para secar. Continuando, o rapaz percebeu que, a pouca distância, à sua frente, havia um barco na praiazinha, com um grupo de homens amontoado ao seu redor. Curioso, ele correu para ver quem estava desembarcando, mas só



quando chegou bem perto pôde distinguir quem e o que eles eram. Era o grupo que tinha vindo do navio pirata. Tinham acabado de ancorar, e dois homens estavam retirando um baú do barco. Um dos homens, sem camisa, era negro, e o outro era branco, vestia camisa, calças largas, usava chapéu e tinha um lenço vermelho amarrado no pescoço e brincos de ouro nas orelhas. Tinha também uma trança bem comprida que lhe descia até o meio das costas e um facão pendurado na cinta. Um terceiro homem, evidentemente o chefe do grupo, estava a pouca distância enquanto eles retiraram o baú do barco. Este homem segurava uma bengala numa mão e uma lanterna na outra, apesar de o luar estar clareando tudo como se fosse dia. Ele usava botas de marinha e um belo casaco de galões dourados, e tinha um bigode comprido e curvo que ia até o queixo. Usava também um chapéu emplumado, e seus cabelos negros e longos caíam sobre os ombros.

Um quarto homem, de camisa branca, os auxiliava.

Tom pôde ver tudo isso à luz do luar, que fazia cintilar os botões dourados do casaco do pirata.

Os quatro estavam muito ocupados descarregando o baú do barco e, num primeiro momento, não viram que Tom estava lá. Foi o de camisa branca se dirigiu a ele, com voz grossa e rouca:

— Ei, o que você quer aqui, rapaz? De onde você veio?

Soltando a alça do baú e sem dar tempo para que Tom respondesse, apontou para o fim da praia e disse:

— É melhor ir cuidar dos seus negócios, se sabe o que é bom para você. E não volte, ou vai se arrepender!

Tom viu de relance que todos os piratas estavam olhando para ele e, sem dizer nada, deu meia-volta e foi embora. O homem que tinha falado com ele seguiu-o ameaçadoramente por algum tempo, para

se certificar de que ele tinha mesmo ido embora. Mas logo parou, e Tom continuou a andar apressado, até o barco e a tripulação e tudo o mais sumir de vista. Então ele também parou, voltou-se e olhou para o lugar de onde viera.

Havia alguma coisa muito estranha na aparência e nas maneiras daqueles homens, e Tom se perguntou o que poderia significar tudo aquilo. Resolveu parar por alguns momentos para tentar ver e escutar o que faziam. Não conseguiu ver nada, mas ouviu alguns sons distantes. O que eles estariam fazendo na praia solitária à noite? Então, seguindo um impulso repentino, Tom desviou-se de seu caminho natural e atravessou as dunas de areia, dando a volta por dentro, mas ficando bem perto da praia, para ver o que eles faziam.

Quando já havia voltado um bom pedaço, ouviu vozes vindo bem na sua direção. Tom parou e na mesma hora as vozes também pararam. Ele se agachou, sob o luar claro e brilhante, cercado pelas areias quietas, e o silêncio lhe parecia opressor. De repente, ouviu alguém contando bem devagar:

— Noventa e um, noventa e dois, noventa e três, noventa e quatro, noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete, noventa e oito, noventa e nove, cem, cento e um — a contagem vagarosa estava cada vez mais perto dele — cento e dois, cento e três, cento e quatro — e assim por diante, num ritmo lento.

De repente, Tom viu três cabeças aparecer por cima das dunas tão perto que ele, assustado, imediatamente se deitou para que não fosse visto. Mas eles não o viram, e a voz recomeçou a contagem:

— Cento e vinte, e vinte e um, vinte e dois, vinte e três, e vinte e quatro — e então quem estava contando veio por detrás da pequena duna para uma área plana, com pouca claridade.

\* \* \*

Era o homem com a bengala e a lanterna — que parecia ser o chefe do grupo que havia desembarcado. Ele carregava a bengala embaixo do braço e estava segurando a lanterna juntamente com alguma outra coisa que ele olhava de perto quando caminhava — o que ele fazia com passos vagarosos e medidos, numa linha perfeitamente reta, contando cada passo que dava.

— Vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove e trinta.

Atrás dele vinham duas outras figuras. Um era o negro seminu, o outro era o homem de trança e brincos que o ameaçara. Os dois estavam carregando o pesado baú com muito esforço, com frequência tropeçando na areia. O de camisa branca não viera.

Quando o chefe do grupo pronunciou a palavra “trinta”, os dois colocaram o baú no chão com exclamações de cansaço. O branco, ofegante, limpou o suor da sua testa nas mangas da camisa. O chefe pegou um pedaço de papel e marcou algo nele. Os três ficaram ali por algum tempo, durante o qual Tom observava-os por trás da duna, e por longo tempo o silêncio não foi interrompido. Na quietude, Tom podia ouvir o barulho das ondas batendo na praia distante, e uma e outra vez o som longínquo da risada de algum dos homens que tinham ficado no barco.

Um, dois, três minutos se passaram, e então os homens pegaram o baú e continuaram a andar e o chefe recomeçou a contar.

— Trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro — ele andava em linha reta, olhando sempre e atentamente o objeto que



tinha na mão — trinta e cinco, trinta e seis e trinta e sete — e assim por diante, até que as três figuras desapareceram num pequeno vale entre as dunas, do lado oposto à praia, enquanto Tom ainda conseguia ouvir a voz ao longe contando as passadas.

Logo que desapareceram atrás da colina, um relâmpago riscou o céu e depois de um longo intervalo se ouviu o estrondo abafado de um trovão. Tom esperou por algum tempo, depois se ergueu e subiu ao topo da duna onde estivera agachado. Olhou ao redor, mas não viu ninguém. Então desceu e seguiu na direção que os piratas tinham tomado. Avançou engatinhando, cuidadosamente, parando de vez em quando para se certificar de que ainda ouvia a contagem. Quando ela parou, Tom se deitou na areia e esperou até recomeçasse.

Seguindo assim os piratas, ele logo pôde perceber novamente as três figuras, até que, contornando uma duna coberta de arbustos, chegaram a uma pequena clareira iluminada pela luz da lua.

Os três estavam a uns vinte e cinco passos dele. Tinham colocado o baú novamente no chão, e o homem branco com a longa trança e os brincos de ouro sentou-se sobre ele para descansar; o negro ficou de pé a seu lado. A lua brilhava tão clara que iluminava perfeitamente o seu rosto. Ele estava olhando diretamente na direção de Tom, mas permaneceu imóvel. Tom se afastou, assustado, certo de que tinha sido descoberto. Esperou em silêncio, com o coração aos saltos, mas não houve alarme, e logo ele ouviu a contagem recomeçar e viu que eles continuavam seguindo na mesma direção. Bem à frente deles havia uma pequena duna de areia, que atravessaram em linha reta; o líder subiu a duna com a ajuda da bengala, ainda contando e ainda mantendo os olhos fixos no papel que segurava nas mãos. Logo, tornaram a desaparecer, descendo pelo outro lado da encosta.



Tom seguiu-os cautelosamente até terem percorrido uns oitocentos metros. Conseguiu vê-los novamente de uma pequena duna. Estavam numa área plana, e naquela areia macia e branca a lua brilhava intensamente.

O branco que havia ajudado a carregar o baú estava agora de joelhos, afiando a ponta de um pau para transformá-lo numa estaca comprida. Assim que terminou, levantou-se e caminhou até o lugar onde o chefe havia fincado sua bengala. O branco retirou a bengala da areia e colocou a estaca em seu lugar. Pôs-se então a bater na estaca com um martelo de madeira que o negro havia lhe dado. A batida forte do martelo sobre a ponta da estaca soava alto naquele silêncio, e Tom se perguntava o que tudo aquilo poderia significar.

Com golpes rápidos e repetidos, o homem enterrou a estaca na areia, até que esta ficou com apenas dois ou três dedos acima da superfície. Assim que terminou o serviço, outro relâmpago riscou o céu e em seguida se ouviu o som abafado de um trovão; Tom olhou para o oeste e viu a auréola prateada de uma nuvem arredondada e muito carregada, que se levantava devagar no céu e empurrava e desfazia as nuvens que estavam à sua frente.

Os dois homens brancos estavam agora parados junto à estaca, e o negro observava-os. Então o homem com a bengala segurou a ponta de uma trena e se afastou, enquanto o homem com trança segurava a outra ponta da trena junto ao topo da estaca. Quando a fita da trena terminou, o capitão marcou uma cruz sobre a areia no local onde estava, e então mediram outro tanto.

Depois de tomarem outras medidas, Tom pôde ver o homem de trança fincar outra estaca bem na base de uma duna alta, cuja areia brilhante se destacava contra a escuridão do céu noturno. Tão logo o

homem de trança enterrou a segunda estaca no chão, eles começaram a medir novamente, e assim, ainda medindo, desapareceram atrás da duna.

O negro tinha ficado sentado perto do baú, e a luz da lua estava tão clara que, de onde estava, Tom podia distinguir claramente os traços de seu rosto.

Logo, de trás da colina veio, uma terceira vez, o som forte das pancadas do martelo enterrando outra estaca, e depois de algum tempo os dois piratas reapareceram. Foram direto para onde estava o baú, e o negro e o branco de trança o carregaram novamente, levando-o até o outro lado da duna, fora do alcance da visão de Tom.

Embora não mais conseguisse ver os piratas, Tom não ousou avançar. Ficou ali, imaginando o que eles poderiam estar fazendo; neste meio tempo, a nuvem carregada já estava bem acima do horizonte e violentos trovões seguiam cada um dos clarões que vinham daquela massa escura. No silêncio, ele pôde ouvir então sons que pareciam vir de uma pá de ferro, e concluiu que os piratas estavam enterrando o baú, apesar de não poder ter certeza. Uma lufada de ar quente passou levantando a areia e um estrondo assustador desceu da nuvem carregada, que estava cada vez mais perto. Tom continuou deitado, esperando.

De repente, as três figuras reapareceram na colina de areia — o chefe em primeiro e os outros seguindo-o de perto. Em dado momento, o homem de trança parou e se inclinou como que para amarrar os sapatos.

Isso fez com que o negro ficasse um pouco à sua frente.

O que aconteceu em seguida foi tão repentino, tão imprevisto, tão rápido que Tom mal teve tempo de perceber o que era antes de ter acabado. Assim que o negro passou, o branco se ergueu silenciosamente e Tom viu a lua cheia brilhar na lâmina de um grande punhal que ele

segurava na mão. Ele deu um ou dois passos sorrateiros atrás do negro desavisado. Então, Tom viu o movimento da lâmina e pôde ouvir perfeitamente, de onde estava, uma batida forte. O negro soltou um grito terrível, correu para frente tropeçando, parou, equilibrou-se e ali ficou, como que pregado no chão.

Tom viu claramente o cabo da faca nas suas costas e até pensou ter visto a ponta da lâmina aparecendo no peito.

Neste meio tempo, o chefe tinha parado e, apoiado na bengala, olhava impassivelmente a cena.

De repente, o negro começou a correr. O branco ficou alguns instantes olhando para ele e então foi atrás da sua vítima. Não muito longe de Tom, o negro cambaleou, caiu, tentou se levantar e caiu de novo, já sem forças. Neste instante um pedaço da nuvem tapou a lua e uma escuridão repentina desceu sobre tudo. Tom ouviu o som de outro golpe e um gemido, e logo uma voz dizendo ao chefe que estava tudo resolvido.

O rapaz viu a forma difusa do capitão atravessando a areia plana e, com a lua reaparecendo, viu o homem de trança sobre a figura negra estendida na areia.

Então Tom saltou rapidamente e correu, descendo as dunas, procurando sempre a proteção das sombras, escorregando e se desequilibrando, ofegante, com o coração disparado. Parecia ouvir passos atrás de si e, aterrorizado, esperava sentir a qualquer instante a lâmina fria do punhal entre suas costelas, como acontecera com o pobre negro.

Tom correu com a nítida sensação de estar tendo um pesadelo. Seus pés pareciam pesados como chumbo, ele respirava com dificuldade, sentindo um aperto na garganta. Mas mesmo assim correu sem parar, até que finalmente se viu na frente da cabana do velho Matias — tremendo todo, com o coração aos pulos, ofegante e com as pernas bambas.

Matias e Mônica já estavam dormindo havia muito tempo. Tom abriu a porta e se atirou para dentro. Nesse momento um relâmpago cruzou o céu e, assim que ele fechou a porta, um trovão assustador fez a cabana toda tremer.

\* \* \*

Tom se enfiou na cama, tremendo, banhado de suor, com vertigens e com o coração ainda acelerado por causa da longa e aterradora corrida, que fizera com extremo esforço.

Mas, em vez de dormir, ficou muito tempo acordado, assustado, tremendo, sentindo-se gelado. Quando, por fim, dormiu, foi apenas para ter pesadelos em que revia toda a horrível cena que seus olhos tinham presenciado.

Ao amanhecer, antes mesmo do nascer do sol, Tom se levantou e saiu de casa para encontrar o novo dia tão molhado como a noite.

A primeira coisa que ele fez foi subir na primeira duna de onde pudesse ver o lugar onde o navio pirata tinha estado no dia anterior. Mas ele não estava mais lá.

Logo depois, Matias saiu da cabana e o chamou para entrar e comer alguma coisa, pois estava na hora de saírem para pescar.

Durante toda a manhã a lembrança da noite anterior pesava sobre Tom como uma grande nuvem de inquietação. Parecia que essa nuvem ocupava o barco e se espalhava na imensidão do céu e do mar que os cercavam. Mesmo quando ele estava puxando a rede de pesca, com os peixes se debatendo, as imagens que havia visto voltavam e o faziam tremer. Ele olhava para o rosto magro, endurecido e embotado de Matias, que mascava uma folha de tabaco, e lhe parecia impossível que

o velho não percebesse aquela nuvem negra que o envolvia totalmente.

Quando o barco retornou, Tom saltou rapidamente para a praia e, tão logo terminou seu jantar, apressou-se a se encontrar com o pastor. Correu sem parar desde a cabana de Matias até a casa de João, e quando ali chegou estava totalmente sem fôlego.

O bom homem estava sentado no degrau da escada da cozinha, ao sol, fumando seu cachimbo, e sua mulher estava preparando o jantar — já se podia sentir o cheiro da carne de porco.

Ainda ofegante, atropelando as palavras e falando com muita pressa, Tom contou ao pastor sua história, e este o ouviu intervindo aqui e ali com uma expressão de espanto, esquecendo-se por completo do cachimbo, que acabou se apagando.

— E eu não sei por que eles mataram o pobre negro — disse Tom, quando terminou sua narrativa.

— É fácil de entender — disse João. — Eles enterraram um tesouro!

Na sua agitação, o pastor tinha-se levantado e andava de lá para cá, dando baforadas no cachimbo como se ele ainda estivesse aceso.

— Um tesouro! — exclamou Tom.

— Sim, um tesouro. E é por isso que eles mataram o negro. Ele era o único, percebe, que, além dos dois, sabia onde o baú foi escondido, e agora que eles se livraram dele não há mais ninguém que saiba.

— Mas então — disse Tom —, se é assim, ele é sem dúvida um tesouro maldito, manchado de sangue, e trará maldição sobre qualquer um que o encontrar!

— É mais provável que traga maldição para a alma de quem o enterrou — disse João — e pode ser uma bênção para quem achá-lo. Mas, diga-me, Tom, você acha que saberia dizer onde ele foi escondido?

— Não — disse Tom. — Foi entre as dunas de areia, e além disso



era noite. Mas talvez possamos achar as marcas dos pés na areia — acrescentou.

— É muito pouco provável — disse o outro — pois a tempestade da noite passada certamente varreu tudo.

— Eu poderia achar o lugar onde o bote chegou à praia — disse Tom.

— Bom, já é um começo — disse João. — Se pudermos descobrir isso, talvez possamos descobrir que direção tomaram de lá.

— Se eu tivesse certeza que é um tesouro — disse Tom —, revolveria cada grão de areia daqui até Cantagalo para achá-lo.

— Talvez seja mais fácil achar uma agulha num palheiro — disse o pastor.

Quando Tom voltou para casa, parecia que haviam retirado uma tonelada de peso da sua alma. No dia seguinte, ele e o pastor iriam juntos procurar o tesouro. Mas Tom tinha a impressão que não aguentaria esperar tanto tempo.

\* \* \*

No outro dia à tarde João e Tom começaram a expedição que faria a fortuna do rapaz. Tom levava uma pá nos ombros e o pastor caminhava ao seu lado com a bengala.

Enquanto caminhavam pela praia, conversavam sobre a única coisa de que conseguiam falar: o tesouro. — De que tamanho você disse que ele era? — perguntou o pastor.

— Mais ou menos deste tamanho — disse Tom, mostrando com a ajuda da pá — e mais ou menos desta largura e dessa altura.

— E se ele estiver cheio de dinheiro, Tom? — disse João, dando passadas vigorosas e balançando a bengala em círculos, de tão agitado

que estava com este pensamento. — Suponha que esteja cheio de dinheiro, e aí?

— Minha nossa! — disse Tom, correndo para poder acompanhar seu amigo. — Eu compraria um barco e iria fazer negócios na Índia e na China por conta própria. Suponha que o baú esteja cheio de dinheiro, senhor, e suponha que o encontremos. O senhor acha que haveria o suficiente para comprar um barco?

— Claro que sim, Tom, muito mais do que o suficiente para um barco.

— E se eu o achasse ele seria meu, certo?

— É claro que seria seu! — disse o pastor, quase gritando. — É claro que seria seu!

Mas, como João não entendia nada de leis, a questão começou a preocupá-lo, e ele caminhou em silêncio por algum tempo.

— De quem mais seria se você o encontrasse? — perguntou. — Pode me dizer?

— Se eu tivesse o meu próprio navio — disse Tom — e se eu viajasse para a Índia, eu lhe traria o melhor chá produzido na Cochinchina.

João começou a rir.

— Obrigado, Tom — disse — e agradecerei novamente quando ganhar minha caixa de chá. Mas, diga-me, você já ouviu falar da fazendeira que contou com os ovos antes de a galinha botá-los?

Era o que eles iam conversando enquanto percorriam apressadamente a praia. Por fim, chegaram a um lugar que Tom pôs-se a olhar atentamente.

— Eu estava justamente aqui — disse — quando vi o barco na noite retrasada. Eu sei que ele estava aqui, pois me lembro daqueles destroços ali e de que havia uma estaca na areia justamente onde está aquela estaca.

O pastor pôs os óculos e foi ver a estaca que Tom havia apontado. Depois de examiná-la cuidadosamente, chamou:

— Ei, Tom, isto foi fincado há pouco tempo na areia. A madeira é nova, e os piratas devem tê-la colocado aqui como uma marca, como aquelas que você falou que eles enterraram na areia.

Tom se aproximou e olhou a estaca. Era um pedaço de carvalho de uns cinco centímetros de espessura. Tinha sido esculpido com cuidado e a ponta estava pintada de vermelho. Ele balançou a estaca e tentou arrancá-la, mas ela tinha sido fincada tão profundamente na areia que era impossível tirá-la do lugar.

— É, senhor — disse Tom — ela deve ter sido colocada aqui para sinalizar.

Os dois continuaram a procurar outros sinais da presença dos piratas e a pouca distância Tom viu alguma coisa branca na areia. Percebeu que era um pedaço de papel, e o apontou, chamando o pastor:

— Ali, um pedaço de papel. Será que era deles?

Foi um milagre encontrar aquele papel. Só uma pontinha dele estava aparecendo, e se não fossem os olhos afiados de Tom certamente não seria notado e se perderia. A próxima tempestade o cobriria totalmente e tudo o que viria a acontecer depois não teria acontecido.

— Olhe, senhor — disse Tom, removendo a areia do papel — há alguma coisa escrita aqui.

— Deixe-me ver — disse o pastor. Ele ajustou seus óculos no nariz quando pegou o papel e começou a examiná-lo.

— O que é isso? — disse. — Um monte de números e mais nada. E então leu em voz alta:

— “Marco S. S. O. pelo S.” O que será que é isso, Tom?

— Não sei — disse o rapaz. — Mas talvez possamos entender melhor se o senhor continuar a ler.

— São muitos números — disse o pastor — sem nenhum sentido,



pelo que vejo, a não ser que sejam direções marítimas. Então ele recomendou a ler: — “Marco S. S. O. pelo S. 40, 72, 91, 130, 151, 177, 202, 232, 256, 271 minutos.” Veja, devem ser direções de navegação. “299, 335, 362, 386, 415, 446, 469, 491, 522, 544, 571, 598 minutos.” Nossa! Quantas! “626, 652, 676, 695, 724, 851, 876, 905, 940, 967 minutos. Estaca. S. L. pelo L. 269 passos. Estaca. S. S. O. pelo S. 427 passos. Estaca. Cavar seis passos a oeste.”

— O que o senhor disse sobre estaca? — exclamou Tom. — E alguma coisa sobre cavar?

Era como se uma luz repentina tivesse se acendido no seu cérebro. Tom ficou muito empolgado.

— Leia de novo, senhor — exclamou. — Lembra que lhe contei que eles enterraram uma estaca na areia? E eles não falaram para cavar perto dela? Leia de novo, senhor, leia de novo!

— Estaca? — perguntou o bom homem — Sim, é sobre uma estaca. Vamos ver novamente. Sim, aqui está. “Estaca S. L. pelo L. 269 passos.”

— É isso! — exclamou Tom novamente, muito excitado. — O senhor não se lembra o que eu lhe disse? Eu os vi medindo com uma trena.

O pastor João percebeu a chama de excitação que ardia no peito de Tom e sentiu que alguma coisa muito boa estava para acontecer.

— Claro, claro! — gritou com voz possante — E então eles mediram 427 passos sul-sudoeste pelo sul, e enterraram outra estaca, e então enterrou o baú a seis passos para o oeste. Oh, Tom! Oh, Tom! Se tivermos entendido isso corretamente, sua fortuna está feita!

Tom ficou com o olhar fixo no rosto entusiasmado do idoso senhor, mas não via nada a não ser o brilho infinito da luz do sol. Estavam eles, de fato, para achar o baú do tesouro? Ele sentiu o sol queimando seus ombros e ouviu uma andorinha passando bem acima de suas cabeças,

mas o tempo todo ele ficou com o olhar fixo no rosto do bom pastor.

Foi João que falou primeiro:

— Mas o que todos estes números representam?

E Tom observou como o papel tremia, por causa do tremor das suas mãos. João trouxe o papel para perto dos óculos e começou a ler novamente.

— “Marco 40, 72, 91.”

— Marco? — disse Tom. — Olha, deve ser aquela estaca ali, este deve ser o marco! E apontou para a estaca de carvalho com a ponta pintada de vermelho, destacando-se contra a areia branca.

— E “40 e 72 e 91” deve significar o número de passos que os piratas estavam contando — disse João.

— Sem dúvida — disse Tom — É isso, não pode ser outra coisa. Venha, venha, senhor, vamos nos apressar e achá-lo.

— Espere, espere — disse o bom homem, erguendo as mãos, que ainda tremiam. — Espere, espere. Antes de mais nada, precisamos seguir estas medidas. É incrível — disse, depois de uma pequena pausa — que este papel tenha vindo parar aqui.

— Talvez ele tenha sido trazido pela tempestade — sugeriu Tom.

— É bem provável, bem provável. — disse João. — É bem provável que, depois de terem enterrado o baú e matado o pobre negro, os miseráveis tenham voltado correndo por causa da tempestade, e isso deve ter caído do bolso do homem sem que ele percebesse.

— Vamos procurar o baú! — gritou Tom, vibrando de emoção.

— Sim, sim — disse o pastor — mas espere um pouco, meu garoto, até termos certeza de estarmos fazendo isso da maneira certa. Eu trouxe minha bússola, mas precisamos de alguma coisa para medir as distâncias quando encontrarmos a estaca. Corra até a casa de Tom Brooke e pegue

aquela trena que ele usou para construir o novo celeiro. Enquanto você faz isso eu estarei contando os passos marcados no papel, com a ajuda da minha bússola.

\* \* \*

Tom demorou quase uma hora, apesar de ter corrido quase todo o tempo no caminho de ida e de volta, como que carregado pelo vento. Quando voltou, não encontrou o pastor, mas viu suas pegadas em direção ao interior e as seguiu através das dunas, até encontrá-lo num lugar que imediatamente reconheceu: a esplanada onde os piratas haviam enterrado a primeira estaca e onde depois tinham matado o pobre negro. Tom olhou atentamente em torno, esperando ver algum sinal da tragédia, mas o lugar estava intacto, exceto onde João observava alguma coisa no solo.

Quando Tom se aproximou, ele estava curvado, retirando a areia de algo que havia encontrado.

Era a primeira estaca!

Meia hora depois, eles acharam a segunda e a terceira estaca, e Tom tirou seu casaco, e começou a cavar como um louco. O pastor ficou ao seu lado, observando-o. Quando o sol já começava a se voltar para o oeste, a pá de Tom bateu em alguma coisa dura.

Seu corpo estremeceu, como se fosse ele mesmo que estivesse enterrado na areia.

Era o baú do tesouro!

O próprio João saltou para dentro do buraco e começou a retirar a areia com as mãos, tremendo, como se tivesse ficado louco. Por fim, com muita dificuldade, eles puxaram e retiraram o baú todo coberto



de areia para fora do buraco.

Ele estava amarrado e trancado com um cadeado, e foram necessárias várias pancadas com a pá para arrebentar o ferrolho. Foi o pastor quem levantou a tampa.

Tom inclinou-se e olhou para o baú aberto. Ele não ficaria surpreso se o visse abarrotado de ouro e joias brilhantes. Mas parte dele tinha livros e papéis, e a outra parte tinha sacolas de lona muito bem amarradas.

O pastor pegou uma das sacolas e a chacoalhou, e o som metálico que ela produziu não deixava dúvidas: estava cheia de dinheiro!

João cortou as cordas e, com as mãos tremendo de tanto nervoso, passou-a para Tom, que, maravilhado e atordoado, com os olhos embaçados, jogou sobre o casaco estendido no chão uma cascata de moedas reluzentes, que giraram e cintilaram e tiniram quando caíram, fazendo um monte brilhante sobre o pano grosseiro.

João ergueu as mãos em prece e Tom, admirado com o que viu, perguntou-se se tudo aquilo era verdade e se ele estava realmente acordado — pois sentia-se como se estivesse num sonho.

Havia vinte e duas sacolas no baú: dez delas repletas de moedas de ouro, oito cheias de moedas de prata, três carregadas de ouro em pó e uma sacola pequena com joias enroladas num acolchoado de algodão e papel.

— Isso é suficiente — disse o pastor — para nos tornar ricos pelo resto de nossas vidas!

Mesmo já descendo no céu, o sol de verão queimava como fogo, mas nenhum dos dois sentiu isso. Nem sentiram fome ou sede ou fadiga, mas sentaram ali maravilhados com as sacolas de moedas espalhadas na areia e uma pilha enorme de moedas amontoadas sobre o casaco. Então o pastor se pôs a examinar cuidadosamente os livros e os papéis do baú.

Dos três livros, dois eram evidentemente diários de bordo dos piratas que haviam ancorado na entrada da Baía dos Ventos todo aquele tempo. O outro livro, escrito em espanhol, era sem dúvida o diário de bordo de algum navio saqueado.

Então João pôs-se a ler, com sua voz alta e aguda, aqueles dois livros. E foi assim que tomaram conhecimento dos registros sangrentos dos piratas que estiveram ancorados no Cabo, e descobriram que se tratava do famoso pirata capitão Kidd. De quando em quando o pastor parava para exclamar:

— Aqueles miseráveis sanguinários!

Ou:

— Vilões terríveis e cruéis!

E então continuava a ler um trecho aqui, outro trecho acolá.

Tom, sentado, escutava, e de vez em quando brincava com as moedas esparramadas sobre o casaco.

Alguém pode estar curioso para saber por que o capitão Kidd guardou os registros desses episódios sangrentos. Muito provavelmente porque eles incriminavam pessoas importantes da colônia de Nova Iorque. Com estes diários como prova, seria impossível levar o pirata à Justiça sem arrastar com ele para o banco dos réus mais de uma dúzia de figuras proeminentes. Os diários eram sem dúvida uma grande arma de defesa para livrá-lo da forca. De fato, quando o capitão Kidd foi finalmente acusado, condenado e enforcado, não foi por pirataria, mas por ter batido com um balde na cabeça de um marinheiro amotinado, matando-o acidentalmente. As autoridades não ousaram julgá-lo por pirataria. Embora na verdade ele tenha sido enforcado por ser um pirata, ele foi acusado e condenado por homicídio, por matar seu marinheiro-carpinteiro. Mas nós sabemos que foram os diários de bordo que Tom

levou a Nova Iorque que o condenaram à forca.

João ficou sentado ali, ao pôr-do-sol, lendo estes terríveis relatos de pirataria, e Tom, ao seu lado, com uma pilha de moedas de ouro e prata, ouvia-o.

Que espetáculo, se os vissem nesta hora! Mas eles estavam sós, com a vasta e limpa abóbada celeste sobre eles e a amplidão branca do deserto de areia ao redor.

Por fim, ao perceberem que o sol estava cada vez mais baixo, decidiram que era hora de voltar. Houve tempo para dar apenas uma olhada rápida nos outros papéis do baú.

Quase todos eram letras de câmbio sacadas em favor de alguns dos mais proeminentes mercadores de Nova Iorque. O pastor leu os nomes, e conhecia quase todos eles de ouvir falar.

— Ei, aqui está este senhor! O quê? Veja, aqui está o nome de fulano e de beltrano! Bem, se tudo o que é dito aqui é verdade, o vilão roubou um dos seus melhores amigos. Por que será que o miserável guardaria estes papéis tão cuidadosamente com os outros tesouros, se não servem de nada para ele?

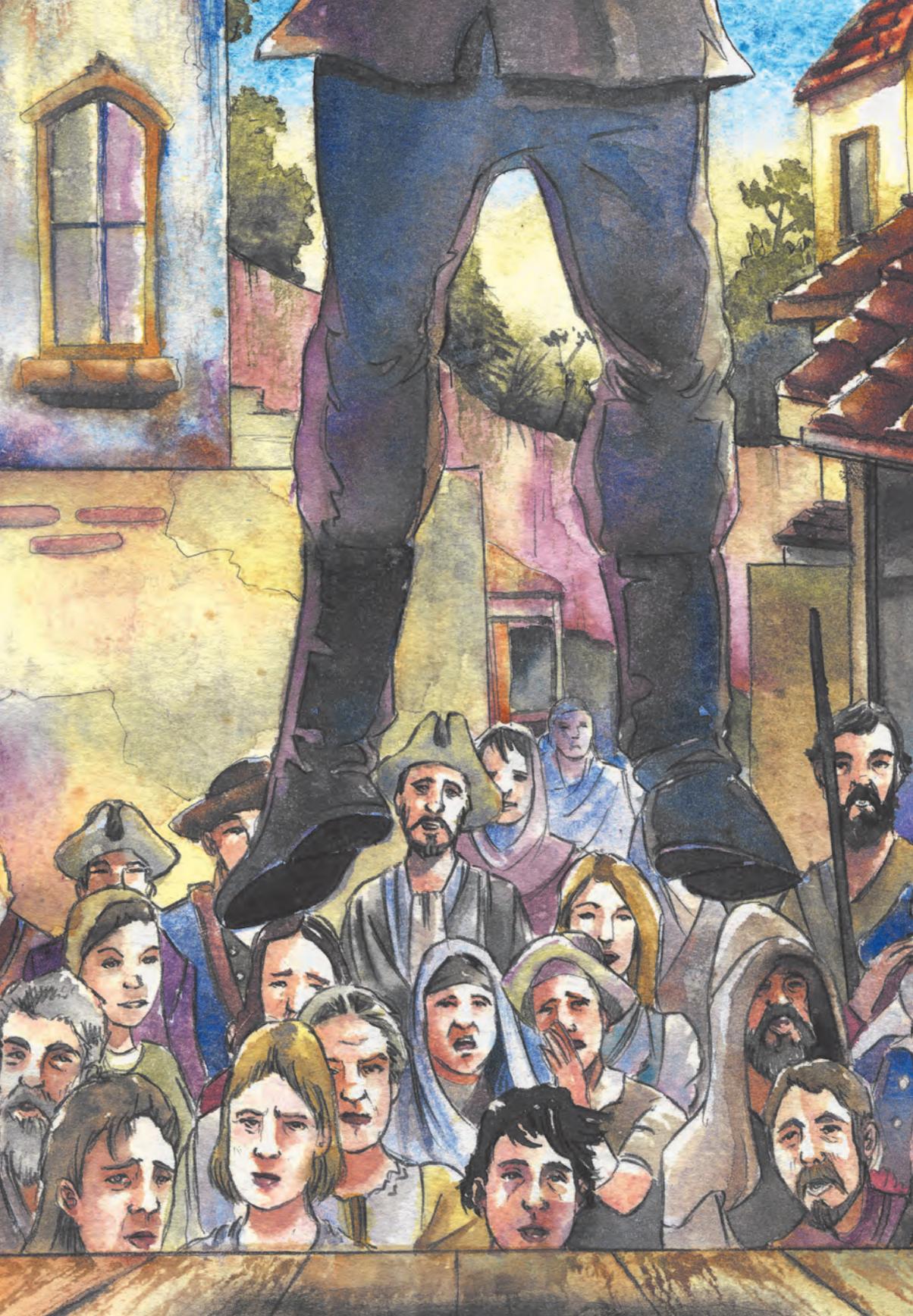
Então, respondendo à sua própria pergunta:

— Simplesmente porque isso daria a ele o poder de propor, para aqueles a quem estas letras de câmbio estão endereçadas, uma boa troca pelo seu próprio pescoço. Eu lhe digo que é isso, Tom — ele continuou — e você deve ir a Nova Iorque e negociar a devolução destes papéis. Isso talvez lhe traga uma nova fortuna.

A maioria dos papéis estava em nome de um certo Ricardo Chillings.

— Ele é um dos homens mais ricos da província de Nova Iorque. Você deve procurá-lo e contar o que encontramos, disse o pastor.

— Quando devo ir? — perguntou Tom.



— Você deve partir no primeiro navio disponível — disse João. Ele tinha se virado, com os papéis ainda na mão, e pôs a mão sobre a pilha de moedas no casaco.

— Tom, será que você pode me dar algumas destas moedas?

— O senhor pode pegar quantas quiser — disse Tom, agradecido e generoso com o tesouro recém-encontrado.

— Você é o rapaz mais fino que eu já conheci, Tom — disse o pastor. — E lhe agradecerei pelo resto da minha vida.

Tom pegou duas mancheias das moedas de ouro.

— Pegue, senhor — disse — e pode pegar mais, quantas o senhor quiser.

Tom colocou as moedas nas mãos abertas do pastor, e este fez um movimento como que para colocá-las nos bolsos, mas parou, com uma dúvida repentina.

— Não sei se é apropriado, para mim, pegar este dinheiro de pirataria — ele disse.

— O senhor pode aceitar e pegar à vontade — disse Tom.

O pastor ainda hesitava.

— Não — ele decidiu firmemente — Não vou pegá-lo, este dinheiro é sujo.

E assim que falou jogou as moedas no baú agora vazio, e então levantou e limpou a areia das suas calças. Depois, com muita rapidez e energia, ajudou Tom a embrulhar as sacolas e a recolocá-las no baú.

Os dois enterraram o baú no mesmo lugar de antes, e o pastor dobrou os papéis com as preciosas orientações e os guardou cuidadosamente na carteira.

— Tom — ele disse pela vigésima vez — hoje sua fortuna está feita.

E Tom, colocando nos bolsos das suas calças a meia dúzia de moedas

que tinha pegado do tesouro, sentiu que o que o seu amigo dizia era verdade.

Quando começaram a voltar para casa, Tom parou repentinamente e ficou olhando ao redor.

— Era exatamente aqui — ele disse, marcando a areia com o pé — que eles mataram o pobre homem.

— E aqui ele está enterrado para sempre — disse o pastor João, afundando sua bengala na areia. Tom estremeceu. Não ficaria surpreso se a ponta da bengala encontrasse algo debaixo da areia. Mas não encontrou, nem qualquer outro sinal da tragédia foi visto. Se os piratas levaram embora a vítima que eles tinham feito e o enterraram em outro lugar, ou se a tempestade é que tinha coberto todos os sinais, é algo que nunca foi descoberto — ao menos até onde Tom Chist e o pastor João saibam.

\* \* \*

Esta é a história do baú do tesouro. Resta agora concluir a história de Tom e contar o que aconteceu a ele no final.

Ele não voltou a viver com o velho Matias Campbel. O pastor se encarregou dele e de sua fortuna, e Tom não voltou para a cabana do pescador.

O velho, contudo, não se conformou, e em suas bebedeiras, muito bravo, ia discutir com o pastor, ameaçando e descrevendo o que ele faria com Tom — quando o pegasse — por ter trocado de casa. Mas em todas estas ocasiões Tom mantinha-se afastado, e nenhuma das ameaças de Matias se concretizou.

Tom costumava visitar sua mãe adotiva de vez em quando, mas

sempre quando o velho estava fora de casa. E Mônica Campbel costumava aconselhá-lo a se manter fora do caminho do seu pai.

— Ele está com um humor terrível, como jamais vi, Tom. Ele fica emburrado o dia todo, e acho que, se te pegar, ele te mata.

Claro que Tom não disse nada, mesmo para ela, sobre o tesouro. Ele e o pastor guardaram segredo absoluto. Cerca de três semanas depois, João conseguiu um lugar em um navio com destino a Nova Iorque, e alguns dias depois Tom desembarcou naquele lugar. Ele nunca tinha estado antes em uma cidade como aquela e ficou surpreso e maravilhado com o grande número de casas de tijolos, a multidão de pessoas vindo e indo pelas calçadas perfeitamente planas, os armazéns e as lojas, com as mercadorias expostas nas vitrines. E, acima de tudo, encantaram-lhe as fortificações e o batalhão no promontório, com as fileiras de canhões ameaçadores e as sentinelas, de casacos escarlates, marchando para cima e para baixo nas muralhas. Tudo isso era maravilhoso, como também o eram os numerosos barcos que se dirigiam ao ancoradouro do porto. Era um mundo novo, totalmente diferente das dunas de areia e das planícies de caniços de Cantagalo.

Tom se alojou numa pousada perto da entrada da cidade e de lá enviou, por um mensageiro, uma carta escrita pelo pastor João ao senhor Chillings. Não demorou muito para o rapaz voltar com uma resposta, pedindo para Tom ir à casa de Chillings naquela mesma tarde, às duas horas.

Tom foi para lá com muito medo e seu coração quase parou quando ele se viu diante da casa de três andares, enorme e sofisticada.

O escritório ficava na mesma edificação, mas, por causa da carta do pastor João, Tom foi conduzido diretamente para a sala de recepção, onde o milionário estava aguardando a sua chegada. Ele estava sentado



numa poltrona de couro, fumando um cachimbo, com uma garrafa de um fino vinho português ao seu lado.

Tom ainda não tinha tido a oportunidade de comprar novas roupas, e não causava boa impressão com aquelas roupas grosseiras com as quais viera de Cantagalo. O senhor Chillings também não gostou da sua aparência, pois olhava de lado para Tom enquanto fumava.

— Bom, meu rapaz — ele disse — que notícia é essa que você tem para me contar que parece ser tão incrível? Eu recebi a carta desse senhor João e estou pronto para ouvir o que você tem a dizer.

Mas durou pouco a impressão ruim que a aparência do visitante lhe causara de início. Tom não havia falado nem vinte palavras quando a postura do senhor Chillings mudou completamente — ele se endireitou na poltrona, pôs o cachimbo de lado, empurrou o copo de vinho para longe e convidou o rapaz a se sentar. O homem escutou atentamente enquanto Tom contava sobre o tesouro enterrado, sobre como vira o pobre negro ser morto e como o pastor descobrira o baú. Somente uma vez o senhor interrompeu a narrativa.

— E pensar — ele gritou — que o vilão anda pela cidade de Nova Iorque como se fosse um homem honesto, convivendo com os nossos melhores cidadãos. Se pudéssemos ter acesso a estes diários de bordo dos quais você fala! Continue, conte-me mais sobre isso.

Quando Tom terminou sua narrativa, o comportamento do senhor Chillings havia mudado da água para o vinho. Ele fez mil perguntas, todas da maneira mais educada e gentil possível, e não somente insistiu para que Tom aceitasse um copo de vinho, mas também o convidou a ficar para o jantar, dizendo que não haveria mais ninguém além sua mulher e filha.

Tom entrou em pânico só de pensar nas duas senhoras e se recusou



veementemente a ficar mesmo para uma xícara de chá que o senhor Chillings ofereceu.

Ele não sabia que estava destinado a ficar ali para o resto da sua vida.

— E agora — disse Chillings — conte-me sobre você.

— Não tenho nada a contar — disse Tom — exceto que fui encontrado entre os destroços de um navio naufragado.

— Um navio naufragado! — exclamou Chillings — ora, como foi isso? Vamos, comece pelo começo e me conte tudo.

Tom fez o que ele pediu, começando pelo começo e contando tudo exatamente como Mônica costumava contar para ele. Enquanto ele falava, o interesse do homem se transformava cada vez mais em agitação. De repente, ele saltou da poltrona e começou a andar para lá e para cá na sala.

— Pare, pare! — gritou, por fim, no meio de alguma coisa que Tom estava dizendo. — Pare! Diga-me, você sabe o nome do navio que naufragou e do qual você foi carregado pelas águas até a praia?

— Disseram-me que se chamava

— Eu sabia! Eu sabia! — exclamou Chillings em voz alta, erguendo as mãos no ar. — Eu pressenti isso desde o momento que você começou a história! Mas, diga-me, não havia nada com você que tivesse uma marca, um nome?

— Havia um lenço — disse Tom — bordado com um T e um C.

— Teodósia Chillings! — exclamou o mercador. — Eu sabia! Eu sabia! Céus! E imaginar que coisas tão maravilhosas assim podem acontecer! Rapaz! Rapaz! Você sabe quem você é? Você é filho do meu irmão! Seu nome era Roberto Chillings e ele era meu sócio nos negócios. E você é seu filho! — E ele correu para um outro aposento, chamando sua mulher e sua filha para virem logo.

Então Tom — ou Tomás Chillings, como agora ele seria chamado — ficou para o jantar, afinal.

Esta é a história, e espero que você tenha gostado dela. Tom tornou-se rico e importante, e casou-se com sua bela prima Teodósia, que tinha o mesmo nome da sua mãe, que morrera no naufrágio do .

Tom não esqueceu seus amigos, e trouxe o pastor João para viver em Nova Iorque.

Mônica e Matias Campbel também desfrutaram de uma boa mesada durante toda a vida, pois, como tudo estava muito bem com ele, Tom não guardou ressentimentos contra o velho pescador por todas as pancadas que recebera.

O baú com o tesouro foi trazido para Nova Iorque e, se Tom não gastou todo o dinheiro (como o pastor João achou que ele faria), gastou uma grande parte. E acredito que aqueles diários de bordo fizeram mais para prender o capitão Kidd na cidade de Boston e enforcá-lo em Londres do que qualquer outra coisa que foi apresentada contra o terrível pirata.

**Ficha catalográfica**

*Tom Chist e o Baú do Tesouro*

Conto de Howard Pyle – Ilustrações de Al Stéfano

Tradução do inglês de Lillian Baroni Schmidt

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 3ª edição, 2011.

ISBN 978-85-61192-07-5

Coordenação do Projeto – Alberto V. Queiroz

Produção Gráfica – Circus Serviços Gráficos Ltda.

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler, de responsabilidade da:

Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12.220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP. É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.





**Cidade de  
São José dos Campos**  
Prefeitura Municipal



ISBN 978-85-61192-07-5